

**CRENÇAS SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES EM
UMA ESCOLA DE WANDERLÂNDIA**

Miliane Moreira Cardoso Vieira (UFT)

milianevieira@uft.edu.br

Maria Dalva Vieira da Silva (UFT)

mariadalvavieira1@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, abordamos uma pesquisa sobre crenças no ensino/aprendizagem de LI, realizada com alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental, em uma escola de Wanderlândia. O objetivo deste trabalho é investigar e refletir quais crenças estes alunos trazem consigo, a respeito de aprender uma língua estrangeira. Para tal investigação realizamos uma pesquisa de campo com suporte bibliográfico, seguindo a abordagem quali-quantitativa. Na geração dos dados, utilizamos como instrumento de pesquisa questionários com perguntas fechadas e abertas. Os resultados apontam que as crenças estão relacionadas à construção da aprendizagem dos alunos, influenciando tanto de forma positiva quanto negativa, ressaltando que elas possuem um papel fundamental no ensino-aprendizagem dos discentes.

Palavras-chave:

Crenças. Reflexão. Língua inglesa.

ABSTRACT

In this article, we present a research on beliefs in the teaching/learning of LI, carried out with students of the 9th grade, elementary school, in a school in Wanderlândia. The objective of this work is to investigate what beliefs these students bring with them, regarding learning a foreign language. For this investigation we conducted a field research with bibliographic support, following the qualitative-quantitative approach. In the generation of the data, we used as research instrument questionnaires with closed and open questions. The results point out that the beliefs are related to the construction of students' learning, influencing both positively and negatively, emphasizing that they play a fundamental role.

Keywords:

Beliefs. Reflection. English language.

1. Diálogos iniciais acerca de crenças

O presente artigo mapeia e reflete sobre algumas crenças que alunos do nono ano apresentam acerca do ensino e aprendizagem de língua inglesa, doravante LI, no Ensino Fundamental da cidade de Wanderlândia, no estado do Tocantins. Guiando as análises destas crenças foram

gerados depoimentos escritos coletados em sala de aula. Depoimentos estes advindos da aplicação de um questionário, respondido pelos alunos.

O objetivo deste trabalho é investigar e refletir quais as crenças que surgem neste contexto escolar referente ao ensino de LI e como estas crenças influenciam o aprendizado destes alunos. Com base nisso, os dados para esta pesquisa foram gerados na Escola Municipal Cândido Araújo, localizada no Povoado Ponta do Asfalto na cidade de Wanderlândia-TO, local no qual eu ministro aulas. A escola é de zona rural com poucos recursos, que atende a educação infantil e fundamental desta comunidade.

Observa-se que o ensino e aprendizagem de LI no contexto desta pesquisa são delicados e passam por dificuldades múltiplas, inclusive dificuldades quanto a aceitação do dia a dia dos próprios alunos. No entanto, ao investigarmos as crenças nos questionários respondidos, percebemos a importância de estudarmos este assunto, pois acreditamos que estas influenciam na aprendizagem dos alunos.

Os resultados serão discutidos e embasados teoricamente com autores como Richards e Lackhart (1995), Donnini *et al.* (2010), Barcelos (2010) e outros teóricos, que contribuem de forma positiva aos questionamentos e descobertas realizadas nesta pesquisa. Neste sentido, é possível apontar que o ensino/aprendizagem de LI, dentro das escolas públicas acontece de forma muito presa, isto é, utiliza-se para o ensino desta disciplina, abordagens que desvalorizam o conteúdo, ou que dificultam o seu aprendizado.

Assim, procuramos desenvolver neste artigo uma breve discussão teórica, sobre crenças e o aprendizado de LI, pois entendemos que este assunto pode: 1) auxiliar a compreensão de como estes alunos acreditam que o ensino de LI acontece e funciona para cada um deles; e 2) auxiliar nas condutas didáticas do professor em sala de aula. Esta pesquisa faz-se necessária, pois vivemos num mundo globalizado, na qual a LI está em torno de todos. Assim, buscamos compreender as crenças dos alunos no intuito de refletir e trabalhar posteriormente com as crenças que forem prejudiciais ou que colaborem para a exclusão dos alunos. Interagir com a LI atualmente, alavanca possibilidades de comunicação entre um indivíduo e o mundo que o cerca (RICHARDS; LACKHART, 1995).

É importante frisar que as crenças são muitas vezes prejudiciais e por isso é de suma importância trabalhar maneiras para que tais crenças sejam desconstruídas. Barcelos (2010, p. 18) nos dá a definição de cren-

ças como “forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação”, ou seja, as crenças vão ganhando significado que refletem as experiências de cada aluno e profissional.

Por isso, é preciso refletir criticamente sobre a prática para que isto possibilite melhorias futuras. “Um professor/profissional reflexivo deixa de ser um reproduzidor de conhecimentos e passa a ser sujeito que constrói, reconstrói e desconstrói significados à medida que reflete sobre sua ação pedagógica”.

2. Crenças e suas influências no ensino de LI

A Linguística Aplicada desenvolve pesquisas relacionadas ao ensino–aprendizagem de línguas, mas estas pesquisas passaram por mudanças, ao invés de focar somente a linguagem como produto, passou-se a considerar, também, o processo. Assim, passou a visualizar também as crenças e relatos de experiências do professor e a influência no processo de ensino–aprendizagem. As crenças podem ser entendidas, em termos gerais, como opiniões e ideias a respeito de algo ou alguém. São, portanto, “pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore, podendo ser inclusive internamente inconsistentes e contraditórias” (BARCELOS, 2010, p. 72).

Sobre esta conceituação, notamos que as representações revelam um profundo vínculo sócio-histórico, relacionando-se a temas de natureza cultural, política e ideológicas e, portanto, está relacionado a “valores, verdades e auto-compreensões que determinam quem detém o poder de falar em nome de quem, quais são os discursos valorizados e a que interesses servem” (CELANE; MAGALHÃES, 2002, p. 321).

Tal enfoque permite a consideração de que crenças possam influenciar comportamentos individuais e a maneira como as ações são definidas e realizadas. Por representarem uma relação estreita entre pensamento e ação, diversos autores como Padejares (1992), Richardson (1996) e Roakeach (1968) recomendam que uma investigação sobre crenças abranja não somente as afirmações veiculadas por meio de escolhas lexicais presentes em discursos orais e/ou escritos, mas também as intenções manifestadas e as ações realizadas.

As crenças que construímos são carregadas de significados culturais e exercem influência nas nossas ações, e aplicando estas ideias à formação docente, entende-se que devem ser trabalhadas na formação inicial e continuada. As crenças são paradoxais e contraditórias, pois podem agir como fator de motivação e incentivo para a aprendizagem, mas também podem servir de obstáculo e entrave ao desenvolvimento do aluno. “As crenças não se separam facilmente de outros aspectos como conhecimento, motivação e estratégias de aprendizagem.” (BARCELOS, 2010, p. 20), podem também ser consideradas hipóteses na medida em que servem para suprir a falta de embasamentos teóricos a respeito de determinados assuntos, ou reforçar aqueles já aceitos como verdadeiros. Isto tem importância direta sobre a aprendizagem, pois influenciam nas estratégias utilizadas pelos alunos.

3. Detalhamento da pesquisa

Baseando-nos no conceito de crença serão analisados dados gerais por questionários respondidos pelos alunos da cidade de Wanderlândia-TO, mais precisamente do nono ano da escola Municipal Cândido Araújo. A amostragem da pesquisa consiste em treze questionários.

Nos questionários aplicados, as perguntas vão desde o que o aluno considera mais difícil de aprender na língua inglesa, qual a melhor maneira de aprender a língua, quais as suas facilidades (leitura, escrita ou pronúncia) entre outros questionamentos relevantes para a reflexão quanto às crenças e suas influências. O objetivo dessa pesquisa foi analisar o processo de ensino/aprendizagem através do relacionamento entre alunos e professores, procurando identificar as opiniões e as crenças dos alunos.

Os caminhos metodológicos que foram seguidos para a elaboração do presente artigo, iniciaram-se na busca de conceitos e entendimentos sobre o tema proposto. Quanto as direções referentes à escolha do método de pesquisa, trata-se de caminhos mais dinâmicos e práticos, sendo realizada uma pesquisa de campo com suporte bibliográfico. A pesquisa segue uma linha de investigação quali-quantitativa, pois observa no objeto de estudo opiniões dos alunos do nono ano, que participaram respondendo a questionários, instrumentos de geração de dados.

A população da pesquisa é composta por treze alunos, que cursavam o nono ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 12 a 15 anos, que já têm experiências de aprendizagem de LI, desde o sexto ano,

por meio do método tradicional de ensino. Esta geração de dados foi realizada no início do segundo bimestre de 2016, para que os resultados influenciassem as aulas até o fim do ano e os preparassem melhor para o primeiro ano do Ensino Médio, já que notávamos um déficit de aprendizagem muito alto nestes alunos.

Para Lakatos e Marconi (2009), a pesquisa de campo tem como objetivo conseguir informações acerca de um problema para o qual se procura uma solução. As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em debate, no caso desta pesquisa, o estudo sobre crenças e suas influências no ensino/aprendizagem de LI. Para Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

Para o PCN de Língua Estrangeira, ao ensinar uma língua estrangeira, o educador deverá considerar a sua natureza sociointeracional, além disso, tanto a *interação oral como escrita* são crucialmente marcadas pelo mundo social que as envolve, em um determinado momento e espaço. Os significados construídos no mundo social refletem os embates discursivos. Estes são caracterizados pela confrontação entre discursos que veiculam percepções, crenças, visões de mundo, ideologias diferentes, entre outros aspectos. Por isso, para o PCN de Língua Estrangeira, o professor deverá possibilitar ao aluno o conhecimento sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira nos vários níveis. Além de possibilitar que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, constitua-se em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira.

O que motivou a realização da pesquisa de forma individual e com o auxílio de um questionário, foi porque a pesquisa é fundamentada em identificar posicionamentos e singularizar a forma de pensar e a expressão de cada um dos alunos pesquisados. Assim, passaremos aos dados da pesquisa.

4. Entendendo os resultados da pesquisa

O ato de rastreamento local da realidade escolar foi uma oportunidade de conhecer o ambiente escolar, tal ato é fundamental para entender a prática pedagógica adotada e os objetivos educacionais propostos na entidade. Analisamos os dados obtidos através dos questionários res-

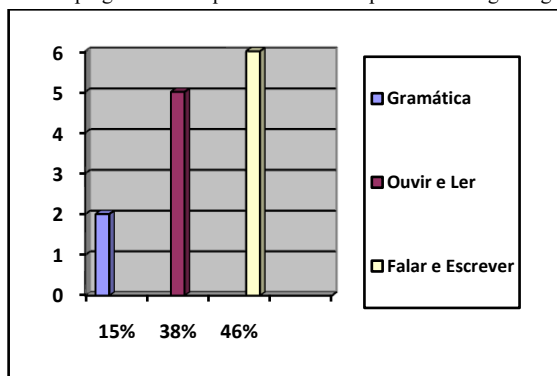
pondidos pelos alunos do nono ano do Ensino Fundamental I da escola campo Cândido Araújo, na cidade de Wanderlândia-TO. O local foi escolhido por ser a uma realidade profissional, já que possuo fácil acesso, pois sou professora na presente escola.

Nesta turma, aplicamos treze questionários com perguntas de múltipla escolha, seguidas de justificativas, para que os alunos pudessem explicar as suas escolhas e, também, para que pudéssemos analisar de modo contextualizado estas escolhas. No questionário, fizemos apenas cinco perguntas com o intuito de percebermos quais crenças permeavam àqueles alunos.

✓ *Primeira pergunta*

A primeira pergunta foi o que os alunos acreditavam ser mais difícil de aprender na língua inglesa. Demos três opções (gramática, ouvir/ler ou falar/escrever), a que mais se destacou foi falar e escrever com 46% de escolhas. Assim como mostramos no gráfico:

Gráfico da pergunta 1: “O que é mais difícil aprender na língua inglesa?”.



Observando o gráfico acima, podemos perceber que apenas dois alunos (15%) disseram que a gramática é difícil de aprender, cinco alunos (38%) responderam que é ouvir e ler; seis alunos (46%) responderam que falar e escrever sejam mais difíceis. Nas justificativas dos alunos de apontar o falar e o escrever como difíceis, encontramos:

Pois as palavras são escritas de uma maneira e pronunciadas de outras maneiras;

Porque tem que saber para se pronunciar a palavra e tem que saber para não escrever errado;

Porque falando e escrevendo tenho facilidade de aprender o inglês;

Porque para falar e escrever tipo para uma pessoa que saiba inglês é fácil;

Porque exige muito da lembrança para falar quanto para escrever; e

Porque eu não conheço a língua estrangeira direito.

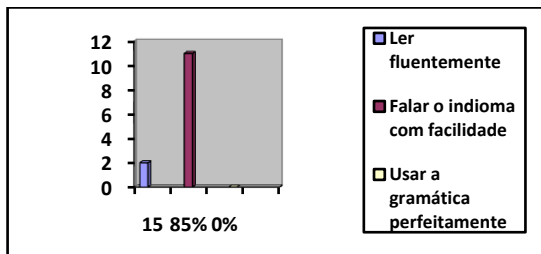
Justificativas da pergunta 1 (Dificuldade de falar e escrever).

Com esse resultado, percebemos que os alunos já estão habituados com o ensino de gramática e leitura nas aulas de LI. No entanto, como a maioria dos alunos marcou que falar e escrever são mais difíceis, podemos verificar que estas habilidades talvez não estejam sendo trabalhadas como os alunos desta sala de aula. A resposta “para não escrever errado”, nos faz perceber que aqui está presente a crença de que o foco principal da LI é o método tradicional, no qual a gramática e a escrita se apresentam como principais características. A “escrita de uma maneira e a pronúncia de outra” apresenta a crença de que a língua deve ser similar na fala e na escrita, criando barreiras ao aprendizado ao “diferente”.

✓ Segunda pergunta

A segunda pergunta foi qual habilidade os alunos acreditavam que buscam aprender em LI. Oferecemos três opções de resposta (ler fluentemente/falar o idioma com facilidade/usar a gramática perfeitamente). Dentre as três opções, falar o idioma com facilidade foi a que mais se destacou (85%):

Gráfico da pergunta 2: “Quais as habilidades você busca aprender na língua inglesa?”.



Como observamos no gráfico da pergunta dois acima, dois alunos responderam que a habilidade que as pessoas buscam quando aprendem a LI é ler fluentemente (15%) e onze alunos (85%) responderam que é falar o idioma com facilidade. As justificativas foram as seguintes:

Falar o idioma é mais fácil, para nos comunicarmos com pessoas estrangeiras;
Porque falar é fácil; para poder dialogar melhor com os estrangeiros;
Porque fica mais fácil o idioma que os outros falam;
Falar o idioma com facilidade, pois acho mais fácil falar do que escrever;
Falar o idioma com mais facilidade para quando chegar num outro lugar saber falar bem o inglês;
Devemos saber bastante para ter facilidade de um dia falar com estrangeiros;
Para que pessoas possam ter mais facilidade e arrumar um trabalho;
Porque quando a pessoa aprende a língua tem facilidade em tudo, como ler fluentemente e falar o idioma com facilidade; e
Porque você aprende a falar com mais facilidade.

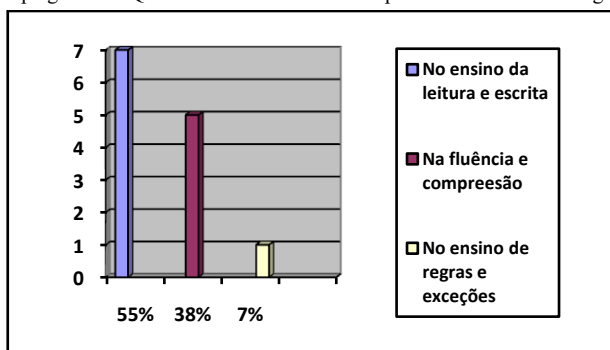
Justificativas da pergunta 2 (Saber o idioma é saber falar).

Com o resultado demonstrado no gráfico e nas justificativas acima, esse resultado está mostrando que a crença de que só sabemos um idioma quando falamos fluentemente é a que prevalece entre estes alunos do nono ano. Crença esta que talvez tragam de suas próprias casas. Outro fato que nos chamou a atenção foi que, os alunos acreditam que precisamos aprender a falar a LI com o intuito de um dia se preciso falar com alguma pessoa estrangeira. Situação esta distante da realidade dos alunos e também muito simplória, pois a LI já está presente no próprio ambiente destes alunos, acessível através das músicas, marcas de roupas, jogos e a internet. Aqui, percebe-se a crença do uso da linguagem somente para comunicar-se com estrangeiros, o que é um erro, aprender LI é abrir portas para o mundo, uma vez que trata-se de uma língua universal, o que prepara para um mercado de trabalho, possibilita passagem para o mundo cultural e intelectual.

✓ **Terceira pergunta**

A terceira pergunta foi em relação ao ensino, perguntamos em que os alunos acham que o professor deva dar maior foco no ensino de LI. Também sugerimos três opções (ensino de leitura e escrita/fluência e compreensão/ensino de regras e exceções). Notamos que a maioria dos alunos focou no ensino de leitura e escrita (55%):

Gráfico da pergunta 3: “Qual deve ser o maior foco do professor ao ensinar a língua inglesa?”.



Como visto acima, sete alunos (55%) responderam que o professor de LI devesse focar no ensino de leitura e escrita, cinco alunos (38%) disseram que é na fluência e compreensão e 1 aluno respondeu que é no ensino de regras e exercícios com (7%). As justificativas para o foco ser maior no ensino de leitura e escrita foram:

Porque nós alunos podemos aprender melhor;

Porque ela lendo e escrevendo temos mais interesse e facilidade de aprender;

Porque escrever e ler um texto em inglês fica mais fácil; no ensino de leitura e escrita, para que os alunos possam aprender mais rápido;

Porque fica mais fácil de aprender; porque é bom ter alguém que se dedica em ajudar o aluno; e

Ensinar como eles estão num texto e como ele é escrito.

Justificativas da pergunta 3 (Foco no ensino de leitura e de escrita).

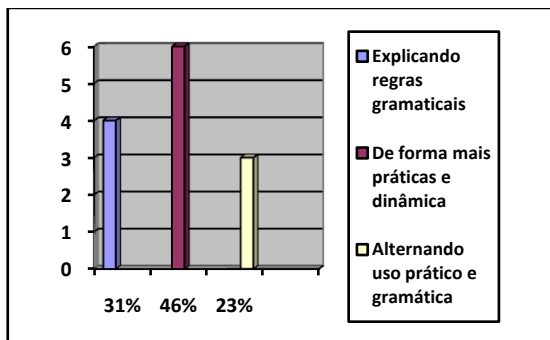
Com esse resultado notamos que os alunos responderam que o foco do professor deve ser no ensino de leitura e escrita, porque isso já

ocorre nas aulas destes alunos. Provavelmente o professor escreve o conteúdo no quadro, lê o que está escrito e assim acontece o ensino. Desta forma, os alunos apresentam a crença de que aprender a LI só seja possível desta forma, com o ensino tradicional de copiar o que está escrito no quadro e ler para entender o conteúdo, estudar para provas ou fazer as atividades de sala de aula. Esta crença de aprender por método de copiar o que está no quadro não é a única maneira de aprender e os próprios alunos consideram uma prática ruim e rotineira.

✓ *Quarta pergunta*

Quanto a quarta pergunta, buscamos descobrir a opinião dos alunos em relação ao como o professor de LI deve ensinar. Com esta pergunta nosso foco foi na metodologia de ensino e as opções eram (explicando regras gramaticais/de forma mais prática e dinâmica/ Alternando uso prático e gramática). A maioria dos alunos (46%) acredita que o professor poderia lecionar a LI de forma mais prática e dinâmica:

Gráfico da pergunta 4: “Como o professor deve ensinar a língua inglesa?”.



De acordo com o gráfico acima, quatro alunos responderam que a metodologia do professor deve ser nas regras gramaticais com uma porcentagem de (31%), seis alunos disseram que é de forma prática e dinâmica com um índice de (46%) e três alunos responderam que é alternando uso prático e gramática, com total de (23%). As justificativas da escolha de metodologia de ensino de forma mais prática e dinâmica foram:

*Para que a aula fique muito melhor;
De forma mais prática e dinâmica fica mais fácil aprender;
Fica mais fácil de aprender;
Aprender de maneira descontraída, mas sem deixar de ensinar o principal;
Assim aprendemos a praticar o inglês com mais facilidade;
Porque não temos que só escrever e ler, mas entender cada palavra.*

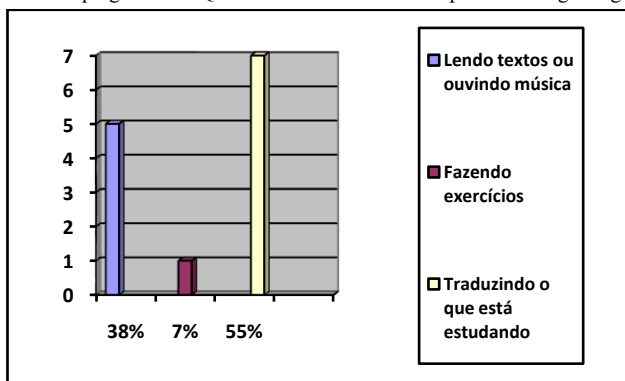
Justificativas da pergunta 4 (Metodologia do professor).

Com estas justificativas acima, não notamos os alunos se posicionando que a aprendizagem poderia além de ser mais prática e dinâmica, também, depender dos seus esforços e dedicações. Sendo observado que os professores ainda são responsabilizados pelo fracasso do ensino. Outra crença presente nas respostas é a de que a leitura em LI é somente para fins educacionais, o que não é verdade, a leitura vai além de só aprendizagem, a leitura pode ser inserida como momento de lazer.

✓ *Quinta pergunta*

A quinta e última pergunta, complementa a anterior, mas o foco agora é no próprio aluno. Perguntamos qual é a melhor maneira de aprender a LI. As opções foram (lendo textos ou ouvindo música/fazendo exercícios/traduzindo os que estavam aprendendo). A maioria das respostas dos alunos foi traduzindo o que estavam estudando (55 %):

Gráfico da pergunta 5: “Qual é a melhor maneira de aprender a língua inglesa?”.



Como vemos, cinco alunos (38%) responderam que é lendo textos ou ouvindo música que eles aprendem a LI, apenas um aluno assinalou que é fazendo exercícios com (7%), e sete alunos, a maioria, respondeu que é traduzindo o que estão estudando com (55%). As justificativas para essa escolha foram:

É que a gente vai aprender mais rápido e com mais facilidades e sem precisar de anos de estudos.

Porque traduzindo temos mais chances e aprender cada vez mais.

Para que o nosso aprendizado seja melhor.

Porque eu fazendo e traduzindo e uma maneira pra aprender melhor.

Traduzindo aprendemos em inglês e em português.

Traduzir o que estuda para saber o que está estudando e saber o que significa a palavra tanto em português como no inglês.

Traduzir, pois enquanto está traduzindo está descobrindo novas frases.

Justificativa da pergunta 5 (traduzindo e a maneira de aprender mais).

Este resultado nos surpreendeu, pois acreditávamos que ouvindo música fosse ser o que mais seria escolhido. Acreditamos que os alunos deste nono ano assinalaram que eles aprendem melhor se traduzirem o que estão estudando, pois já o fazem em sala de aula e isso os leva a um conforto de saber o que estão aprendendo. Crença esta que precisa aos poucos ser modificada, pois ao aprendermos uma língua estrangeira precisamos nos familiarizar com a mesma e não apenas aprender a traduzi-la. Aqui cabe uma reflexão referente ao por que os alunos consideram no geral a tradução como a melhor forma de aprender o inglês.

O que pude concluir foi que tal crença permanece forte por consequência da maneira da didática, é preciso mudar o método de ensino, pensando em outras formas de ensinar o inglês, talvez a conversação seria uma ótima maneira de quebrar esta barreira. Mas cabe dizer também que a dinâmica em sala vai da harmonia entre professor e alunos, a demonstração de interesse influencia de maneira viva na forma como o professor aplica a sua disciplina.

5. *Considerações finais*

Como mencionamos no início deste artigo, decidimos investigar as crenças advindas dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental I, pois percebemos que tais crenças poderiam estar influenciando na aprendizagem dos alunos. Portanto, nosso objetivo neste trabalho era investigar quais as crenças que surgiam neste contexto escolar, referente ao ensino de LI e como estas crenças influenciam o aprendizado destes alunos.

De um modo geral, pudemos verificar que os alunos do nono ano realmente trazem crenças de como aprendem a LI ou como esta poderia ser ensinada, assim como apontamos ao longo do detalhamento dos dados. Neste sentido, retomando Richards e Lackhart (1995) este resultado nos mostrou que oferecer um ensino mais próximo de como os alunos acreditam aprender é algo relevante, pois interagir com a LI atualmente pode alavancar possibilidades de comunicação. Trabalhando também reflexões, problematizações e utilizando materiais que permitam os alunos a manter viva a curiosidade pela LI, e ir além da escrita, leitura e tradução. O inglês abre portas para a cultura mundial, novas culturas, tecnologias e também o acesso de pessoas.

Concluímos que este estudo, mesmo bastante restrito a apenas os alunos do nono ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal em Wanderlândia, foi recompensador, pois pudemos entender como as crenças tanto auxiliam como atrapalham o processo de ensino e aprendizagem. À medida que o professor percebe que há problemas, é preciso buscar desconstruí-las, para que aos poucos os alunos percebam que tais crenças são limitações, o que impossibilitam um aprendizado proveitoso. Prova disto são as diversas pesquisas que indicam que certas crenças não se justificam.

A partir da geração de dados, espera-se auxiliar os alunos, deixando-os mais conscientes de suas crenças e do modo como conduzem seus aprendizados, constituindo-os como estudantes reflexivos e críticos. Bem como permite o desenvolvimento reflexivo do professor ao passo que permite ao docente conhecer a si próprio enquanto profissional e, conseqüentemente, busca melhorias para sua prática, abrindo espaço para a reflexão e mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, A. M. F. *Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: foco no professor e aluno*. Campinas, São Paulo: Fontes, 2010.

CELANE, M. A. A.; MAGALHÃES, M. C. C. Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 319-38

DONNINI, L.; WEIGEL, A.; PLATERO, L. G. *O ensino de língua inglesa*. São Paulo: Heinle Cengage, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, 307-32, Washington DC, 1992.

PINASSI, M. O. *Da miséria ideológica à crise estrutural do capital: uma reconciliação histórica*. São Paulo: Bom tempo, 2010.

RICHARDSON, V. The role of attitudes and beliefs in learning to teach. In: J. Sikula (Org.). *Handbook of Research on Teacher Education*. 2nd ed. New York: Macmillan, 1996.

ROKEACH, M. *Beliefs, attitudes e values: a theory of organization and change*. San Francisco: Jossey-Bass, 1968.

RICHARDS, J. C; LACKHART, C. *Reflective Teaching in Second Language Classrooms*. Cambridge: CUP, 1995.